



TELECINANDO OS MOVIMENTOS SOCIAIS: O MASTER FRAME FÍLMICO DA LUTA PELA TERRA

Ernoi Luiz Matielo

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e bolsista CAPES
ernoy4@hotmail.com

Humberto José da Rocha

Professor do Departamento de História da Universidade Federal da Fronteira Sul
(UFFS)
humberto.rocha@uffs.edu.br

1. Introdução

A história dos Movimentos Sociais no Sul do Brasil é protagonista de um impasse que desafia a compreensão histórica. A história dos Movimentos Sociais no Sul do Brasil desempenha papel fundamental na trajetória de lutas e resistências no cenário nacional. O cinema e a linguagem audiovisual surgem como aliados na construção do discurso, articulação de políticas e autoafirmação desses movimentos. O cinema, enquanto arte e meio de comunicação, tem a capacidade de moldar percepções coletivas, promover debates e dar visibilidade às causas sociais, funcionando como um instrumento de mobilização e resistência (Tedesco; Rocha; Myskiw, 2021).

Produções engajadas e documentários têm se mostrado poderosos catalisadores de mobilização popular, transmitindo narrativas que ressoam com as experiências dos sujeitos sociais (Uczai, 2024). O cinema, ao dar voz a grupos marginalizados, torna-se uma arena de resistência, contestando discursos hegemônicos e fortalecendo identidades coletivas. No Sul do Brasil, essa relação pode ser observada desde a Guerra do Contestado (1912–1916), retratada por Claro Jansson (Rodrigues et al., 2023), até a emblemática ocupação da Fazenda Annoni, em 1985 (Tedesco; Rocha; Myskiw, 2021).

Neste trabalho, analisamos o uso do cinema e da linguagem audiovisual como instrumentos de mobilização e formação de lideranças nos Movimentos Sociais do Sul do Brasil, destacando o conceito de “Cinema Social de Guerrilha”, que articula a acessibilidade do cinema social com as estratégias produtivas e comunicacionais do cinema de guerrilha (Ebert, 1981; 2004).



Do ponto de vista teórico, o estudo apoia-se na análise filmica (Vanoyé; Goliot-Lété, 2005), na perspectiva de simulacro de Baudrillard (1996) e nas reflexões sobre os Movimentos Sociais de Gohn (2009). A abordagem considera também a concepção de micro-história e o papel do cinema na historiografia contemporânea (VainfaS, 2002).

2. Metodologia

Para a condução deste estudo, utilizaremos a micro-história como base metodológica, conforme proposta por Carlo Ginzburg e Giovanni Levi (REVEL, 1998; VAINFAS, 2002). Daremos destaque à história oral, fundamentando-nos na abordagem teórica de Alberti (2004). A esse contexto, somaremos os conceitos de GOHN (2009), referentes à Teoria dos Movimentos Sociais, além de procedimentos de análise filmica com base nos estudos de Francis Vanoye & Anne Goliot-Lété (2005), complementados por leituras no campo da linguagem cinematográfica, especialmente as contribuições de Jacques Aumont (1996, 2003, 2004).

3. Resultados e discussão

Ao longo do processo de modernização da agricultura, a qual objetivava entre outras coisas, a especialização das atividades agrícolas e a transferência de trabalhadores para o setor urbano, importantes segmentos sociais do campo, promoveram resistência (Picolotto, 2007). Em diversas localidades do Brasil, especialmente na Região Sul, ainda na década de 1970, os pequenos agricultores, os “sem-terra”, os “atingidos por barragens”, os indígenas, os quilombolas, as mulheres trabalhadoras rurais, entre outras classes, se organizaram em luta contrária a expropriação dos meios de produção, idealizando alcançar alternativas para a continuação de sua representação social (Picolotto, 2007). Tais ações destes grupos constituíram o que se concebe na sociologia como Movimentos Sociais, cuja origem rural remonta ao início da década de 1980, no Sul do Brasil (Picolotto, 2007). Nesta época, o sindicalismo “rural tradicional”, recebe forte questionamento das oposições sindicais que originaram o “novo sindicalismo” em uma cooperação na criação da Central Única dos Trabalhadores - (CUT) (Picolotto, 2007). Expressivos segmentos marginalizados do campo pela militância externa à institucionalidade estabelecida, deram origem à notáveis Movimentos Sociais: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra



(MST); Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB); Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR); e Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) (Picolotto, 2007). A trajetória de tais atores sociais congrega uma vasta lista de ações coletivas e de experiências socioeconômicas, posicionando-os como edificadores de uma nova ordem contra-hegemônica, estruturando experiências de viabilização e autonomia de suas bases sociais (agricultura alternativa, associações de cooperação, assentamentos e reassentamentos, entre outros.) (Picolotto, 2007). As interferências direcionadas à institucionalidade, estabeleceram a ampliação de espaços, na promoção da cidadania e democratização do Estado (Picolotto, 2007).

Mas apesar das dimensões e expressões políticas, alcançadas por tais movimentos além das ações desencadeadas como alternativa para o campo, o êxodo rural continuou em várias regiões do país, incidindo especialmente em regiões de franca modernização da agricultura (Picolotto, 2007). O progresso deste segmento, ganhou maior evidencia na década de 1990 e nos anos 2000, em que o já referido grupo de atores sociais, evoluíram para a formação de organizações representativas, originando a Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar da Região Sul – (Fetraf-Sul), o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Urbanas – (MMTU) e o Sindicato dos Trabalhadores na Educação – (SINTE-SC), entre outras articulações ligadas ao sindicalismo cutistas na Região Sul e a seção brasileira da Via Campesina, que articula o MST, MPA, MAB, MMC (Picolotto, 2007). As novas organizações gerais passam a influir na construção de identidades coletivas gerais entre os movimentos (Picolotto, 2007). Se por um lado a Fetraf-Sul apropria-se da identidade da agricultura familiar para construir unidade às suas bases sindicais, em outro aspecto a Via Campesina, adota a identidade internacional de camponês para integrar as bases dos movimentos associados (Picolotto, 2007).

Contudo, os estudos envolvendo os Movimentos Sociais no Brasil, especialmente no Meridional brasileiro, condicionam-se a descrição dos processos que deram origem aos movimentos, lutas e transformações alcançadas, ocultando os processos midiáticos e discursivos à estes proporcionados por múltiplas ferramentas como os meios de comunicação, em especial o cinema e a linguagem audiovisual, peças fundamentais empregadas na mística expressa no cotidiano das ações, como representação simbólica da luta (Picolotto, 2007; Dresch, 2024). Na investigação geral de tais lacunas, manifesta-



se o anseio de compreender a intrínseca relação entre cinema e história e a consequente origem de novas dinâmicas sociais no campo, proporcionadas pelo uso de obras cinematográficas e de audiovisuais.

No

contexto histórico das articulações, lutas sociais e a resistência no Sul do Brasil, destaca-se em especial a contribuição da pesquisadora Elenita Malta Pereira, autora da obra *Movimentos Sociais e Resistência no Sul do Brasil* (2020), a qual aborda as lutas, resistências e conquistas dos principais Movimentos Sociais do país na contemporaneidade, como: movimentos de resistência negra, feminista, de luta pela terra (MST, indígenas e quilombolas), LGBT+, ambientalista, agroecológico, estudantil, operário, as Diretas-Já, a luta pela moradia e a defesa do patrimônio e da soberania alimentar. A égide de Vainfas e Cardoso (2012), na obra *Novos Domínios da História*, pontua a importância do cinema para a compreensão da história. Na obra *Movimentos e lutas sociais pela terra no sul do Brasil questões contemporâneas* (2018), Tedesco, J.C., Seminotti, J.J., e Rocha, H.J (2018), trazem um apanhado da luta e mobilização na segunda metade do século XX.

Há ainda o reconhecimento de diversos teóricos de áreas interdisciplinares da ciência, sobre a influência do cinema na difusão de ideias: Autores como McLuhan (2005), Benjamin (1987), e Kracauer (1988-2012), os quais comprehendem o cinema como uma forma de expressão artística e veículo de mensagens sociais e políticas. Esses pensadores oferecem perspectivas diversas sobre como o cinema desempenha um papel crucial na disseminação de ideias e na formação da consciência coletiva. Assim, para além de entretenimento, a arte do cinema como produto cultural, mostra-se como importante meio para a difusão de ideias, comportamentos e sonhos, na construção indenitária civilizacional.

Neste conseguinte, ousaremos conceituar o padrão de produção e distribuição das obras cinematográficas adotadas pelos Movimentos Sociais na porção Meridional do Brasil, como “Cinema Social de Guerrilha”, um conceito que se estabelece, partindo da apropriação de duas categorizações distintas e pouco evidenciadas: De um lado encontra-se o Cinema, como um elemento integrativo a partir do consumo de um produto que representa o convívio coletivo e a sociabilidade, integrados por preceitos de Durkheim (2007), acerca da psicologia social e a concepção de Jodelet (2001), sobre a dimensão



sociológica. Este primeiro preceito, está ligado aos modos de acesso e consumo da cinematografia. Na outra extremidade, localiza-se o Cinema de Guerrilha, expressão usada para designar filmes de baixo ou nenhum orçamento, comumente produzido sem investidores ou leis de incentivo ao cinema. O contexto das produções, apoia-se em táticas de guerrilha para produzir filmes de boa qualidade evitando a burocracia hierárquica e a aristocracia formalística do cinema *mainstream* (tendência). O conceito defendido pelo crítico norte-americano Roger Joseph Ebert (1981-2024), é amplamente difundido no mercado cinematográfico. Por fim; Cinema Social de Guerrilha, pode ser entendido como o fazer cinematográfico que conecta acessibilidade social, produção e consumo cinematográfico coletivo, combinado a táticas mercadológicas de produção, distribuição e marketing de guerrilha.

4. Considerações finais

A modernização da agricultura no Brasil gerou resistência entre segmentos sociais do campo, especialmente no Sul, com destaque para pequenos agricultores, sem-terra e atingidos por barragens. Entre os anos 1980 e 2000, o cinema e a linguagem audiovisual foram usados como instrumentos de mobilização, formação e articulação política por movimentos sociais e entidades sindicais.

Nesse período, treze obras foram amplamente exibidas por instituições ligadas à CUT. Com o avanço tecnológico, o uso de slides e filmes comerciais deu lugar a produções originais em VHS e, posteriormente, a conteúdos digitais em plataformas como YouTube e Vimeo. Esse processo se aproxima da lógica do *Cinéma du Peuple*, articulando arte e engajamento político.

A análise dessas obras permite entender como o cinema atuou na construção de sentidos, articulando *frames* e *master frames*, conceitos que ajudam a compreender a formação e o desenvolvimento dos ciclos de protesto. O cinema sul-brasileiro, com forte foco rural e etnográfico, contribuiu para dar visibilidade às lutas do campo.

Apesar dos indícios positivos, é necessário aprofundar a pesquisa empírica com vistas à uma avaliação de maior precisão os impactos dessa estratégia comunicacional na mobilização social e ampliar o debate teórico sobre o uso de frames.



Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. História oral: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BAUDRILLARD, Jean. A transparência do mal. São Paulo: Papirus, 1996.

EBERT, Roger. Thief. RogerEbert.com, 1981. Disponível em:
<<https://www.rogerebert.com/reviews/thief-1981>>.

EBERT, Roger. Collateral. RogerEbert.com, 2004. Disponível em:
<<https://www.rogerebert.com/reviews/collateral-2004>>.

GOHN, Maria da Glória. Teorias dos Movimentos Sociais. São Paulo: Loyola, 2009.

PEREIRA, Elenita Malta. Movimentos Sociais e Resistência no Sul do Brasil. Curitiba: Appris, 2020.

PICOLOTTTO, Everton L. Movimentos sociais rurais no sul do Brasil. Revista IDeAS, v. 1, n. 1, 2007.

RODRIGUES, Rogério R. et al. A Guerra Santa do Contestado Tintim por Tintim. São Paulo: Letra & Voz, 2023.

SNOW, David; BENFORD, Robert. Master frames and cycles of protest. Yale University Press, 1992.

TEDESCO, João C.; ROCHA, Humberto J.; MYSKIW, Antonio M. (Orgs.). História dos Movimentos Sociais de Luta pela Terra no Sul do Brasil (1940–1980). Passo Fundo: Acervus, 2021.

UCZAI, Pedro Francisco. Entrevista. Treze Tílias, SC: Projeto Cinema Social de Guerrilha, 2024.

VANOYÉ, Francis; GOLIOT-LETÉ, Anne. Ensaio sobre a análise filmica. Campinas: Papirus, 2005.

VAINFAS, Ronaldo. Micro-história: os protagonistas anônimos da história. Rio de Janeiro: Campus, 2002.